

## A herança de FHC: maligna ou benigna?

**S**anto de casa não faz milagre. No exterior, a ONU premia Fernando Henrique por seu trabalho no campo social. Aqui, acusa-se o presidente de legar ao próximo governo uma terra arrasada, um país mais pobre e desigual.



prosperidade e o bem-estar. Ele também sabe que o fracasso do socialismo real está associado à rejeição desses princípios.

O desconhecimento do sociólogo sobre o sistema financeiro é sesquipedal. Já a

“flexibilização laboral” é produto exclusivo de sua mente. Salvo alguns remendos epidérmicos, a anacrônica CLT continua intocada. Até as pedras sabem que a informalidade no mercado de trabalho deriva dos excessivos encargos trabalhistas e da rigidez da legislação.

Ainda são poucas as avaliações judiciosas destes últimos oito anos, mas elas começam a aparecer em artigos como os de Maria Hermínia Tavares de Almeida (*O Estado*, 13/10/2002), Eliana Cardoso (*Valor*, 23/10/2002) e Sérgio Fausto (*Folha de S. Paulo*, 19/11/2002).

Aspecto pouco realçado do período é a construção institucional. Em um país onde as mentes ainda estão impregnadas da cultura ibérica, do autoritarismo e do ativismo estatal, é natural que não se valorize o papel das instituições no desenvolvimento.

A teoria econômica de há muito mapeou as causas do desenvolvimento, mas só recentemente deu atenção adequada à força das instituições para forjar, impulsionar e sustentar a economia de mercado. Elas limitam e modelam a interação humana. Protegem os contratos e os direitos de propriedade, essenciais para o desenvolvimento.

Tenho me dedicado ao estudo do tema e pretendo escrever um livro abordando os avanços da Teoria Econômica Institucional, o primitivismo institucional que imperou nas finanças públicas brasileiras e a fascinante transformação dos últimos 20 anos nas áreas política, fiscal, monetária, regulatória e de defesa da concorrência.

O livro se baseará na pesquisa que originou meu recente estudo para a construção de cenários da Tendências, bem como nos arquivos pessoais dos meus 30 anos no governo e na já vasta literatura sobre as instituições pró-mercado. É precisamente nessas áreas que está a principal herança de Fernando Henrique, que ao contrário do que pensam uns poucos não é maligna. Por todos os motivos é sobejamente benigna.

Na segunda feira passada, o presidente tornou-se a primeira personalidade a receber o prêmio Mahbub ul-Haq, criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud). A honra foi atribuída pela contribuição de FHC ao desenvolvimento humano, reconhecendo o seu bem-sucedido esforço para eliminar o trabalho infantil, reduzir a mortalidade infantil e ampliar a escolarização das crianças.

Essas realizações devem muito aos avanços institucionais, à estabilidade monetária e à melhoria gerencial que caracterizaram o atual governo. Sem esses ingredientes, os programas sociais perdem eficácia ou fracassam, principalmente porque a inflação destrói empregos e impõe aos pobres perdas superiores aos benefícios desses programas.

Não erra quem rotula de desinformados, ressentidos ou mesquinhos os que não admitem o êxito do presidente na área social. Além da ONU, o insuspeito Antonio Palócci, futuro ministro da Fazenda, também reconheceu esse trabalho. Eu não tenho dúvida de que o presidente acertou muito mais do que errou.

Impressão distinta tem um certo sociólogo, para quem FHC deve ser avaliado apenas por dois aspectos centrais: a financeirização (sic) da economia e a precarização do mercado de trabalho. O Estado estaria inviabilizado. Seguiremos o caminho do fracassado governo De la Rúa se não negociarmos “pelo menos” os prazos da dívida.

A precarização do mercado de trabalho seria decorrência da “flexibilização laboral”, que ele qualifica como um eufemismo para a “superexploração do trabalho”. Viria daí a explicação para o fato de a maioria dos trabalhadores não dispor de carteira de trabalho, o que lhes retiraria a condição de cidadãos.

Difícilmente esse besteiro financiará o futuro governo. Lula dá crescentes sinais de sensatez, demonstrando ademais conhecer a importância do cumprimento dos contratos e da preservação dos direitos de propriedade, dois dos princípios que nos últimos 300 anos viabilizaram a economia de mercado, a

■ Mailson da Nobrega é ex-ministro da Fazenda e sócio da Tendências Consultoria Integrada (e-mail: mnobrega@tendencias.com.br)